

Símbolos religiosos dos Vikings: guia iconográfico

Johnni Langer¹

Pós-doutor em História Medieval pela USP

Prof. Adjunto em História Medieval na UFMA

Johnnilanger@yahoo.com.br

Resumo: O artigo realiza um levantamento analítico de algumas das principais imagens religiosas veiculadas na Escandinávia durante a Era Viking, concedendo destaque para as representações visuais com caráter simbólico, mitológico e diretamente relacionadas com a tradição oral e artística dos tempos pagãos.

Palavras-chave: Vikings, Alta Idade Média, símbolos, religião, iconografia, imagem.

¹ Coordenador do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos: (<http://groups.google.com.br/group/scandia>); membro do Grupo *Brathair* de Estudos Celtas e Germânicos (www.brathair.com).

Introdução: a imagem religiosa na Era Viking

Desde a pré-história, as imagens desempenham um papel fundamental nas culturas e sociedades, refletindo sua razão de ser, exprimindo valores, sentimentos, ideologias, e especialmente, crenças religiosas e mágicas. Aqui entendemos imagens como as representações visíveis de alguma coisa ou de um ser, real ou imaginário, tendo como suportes diferentes objetos materiais (Schmitt, 2007: 12).² Na Escandinávia da Era Viking, as imagens com conteúdos religiosos dominavam totalmente o cotidiano - elas estavam presentes nas vestimentas, na arquitetura das casas e aposentos reais, nas esculturas, na escrita, nas embarcações, enfim, atuantes praticamente em todo o espaço físico e social ocupado pelos nórdicos e diretamente associadas com a tradição oral e poética. Qual a função destas imagens? A exemplo de outras representações visuais da Antiguidade e alto medievo, podemos seguir perfeitamente o modelo proposto por Schmitt (2007: 14-22) para o Ocidente medieval: dar significado ao drama escatológico, e portanto, existencial do ser humano; são presenças vivas do invisível; são mediadoras entre o divino e o humano; refletem o ser, o sonho e a experiência visionária; fornecem conteúdo psicológico para a memória e a tradição oral.³ Em específico para o caso nórdico, podemos ainda citar o uso das imagens como *exemplum*, referenciais de identidade para uma sociedade baseada na guerra e na obtenção de favores divinos após a morte (Fuglesang, 2006:7).

Aqui evidentemente não pretendemos fornecer um quadro completo das imagens religiosas dos vikings, que aliás, ainda é um campo pouco explorado e escasso de sistematização.⁴ Vamos nos deter em alguns símbolos que tiveram maior relevância, especialmente do ponto de vista de sua abrangência e recorrência material. Conceituamos símbolos como representações visuais que transcendem o simples signo, sinal, e o seu significado, dependendo de certa interpretação racional e carregadas de afetividade e dinamismo. O símbolo tem natureza indefinida e ao mesmo tempo exprime-se pela emoção – no caso religioso, da vivência de fé - e revela sua função primordial, uma revelação

² “Toda imagem é tentativa de revelar um certo modelo, seja psicológico, seja social”. Franco Jr., 2003: 96. “O sentido de uma imagem é a sincronia de um espaço que é preciso aprender na sua estrutura, na disposição das figuras sobre a superfície, nas relações formais e simbólicas que mantém”. Schmitt, 2002: 595.

³ Para um panorama teórico, metodológico e analítico ao estudo das imagens no medievo, consultar especialmente Schmitt, 2007 e 2002; Baschet, 1991 e 2006; Ladner, 1979; Garnier, 1982; Bonne, 1991.

⁴ Em língua portuguesa, já fornecemos alguns parâmetros para uma sistematização de alguns temas da religiosidade e mitologia dos vikings: Langer, 2006 e 2003. Em língua inglesa, existem outras discussões sobre imagética na Era Viking: Fuglesang, 2006; Hupfauf, 2003. A respeito da religiosidade escandinava pré-cristã, conferir: Langer, 2009a e 2009b. Sobre o papel dos simbolismos religiosos entre os vikings existem poucos estudos, uma exceção é: Boyer, 1986: 114-116.

existencial e individual da experiência cosmológica. O dinamismo simbólico estaria estreitamente relacionado com funções explicatórias; substitutivas; mediadoras; unificadoras; pedagógicas; terapêuticas (Chevalier, 2002: XIII-XXXI). Dentro do universo pagão germânico, podemos afirmar que os símbolos foram meios de comunicação, instrumentos para conhecimento e construção do mundo e instrumentos de dominação (Richards, 2006: 134).⁵

Alguns problemas de ordem metodológica se impõe ao nosso trabalho: analisar profundamente simbolismos presentes em contextos materiais, como estelas e inscrições rúnicas, requerem maiores detalhamentos entre a relação dinâmica das cenas (conjunto de imagens, muitas vezes em sequência e com inter-relação visual), o suporte e a espacialidade de toda a estrutura (localização, visualização e recepção social), algo bem diferente do que analisar simples pingentes com conteúdo simbólico. Assim, o objetivo deste artigo não é realizar uma pesquisa detalhada destas imagens, mas sim o de fornecer indicações bibliográficas para análises futuras.⁶ Ao leitor, oferecemos um quadro de possibilidades com maior seriedade documental, visto a imensa quantidade de trabalhos pseudo-científicos e sem critério sobre simbolismos nórdicos, disponíveis especialmente na internet.⁷

⁵ Em sociedades não-literárias, os simbolismos pictóricos possuem um papel muito importante, servindo também como elementos de identidade étnica, construção de uma nova realidade e relacionados com objetivos políticos específicos (Richards, 2006: 147).

⁶ Mesmo porque, a maioria dos símbolos da Era Viking não contém estudos detalhados ou sequer são mencionados na bibliografia sobre religiosidade, o que nos leva a elaborar poucos comentários em algumas imagens.

⁷ A exemplo da tabela “Simbolismos pictográficos” constantes na obra *Mistérios nórdicos: deuses, runas, magias, rituais*, de Mirella Faur. Para uma resenha crítica desta obra e de seus equívocos interpretativos sobre simbolismos nórdicos, verificar Langer, 2008: 106-110.



Fig. 1: Guerreiros portando escudos com motivos solares: roda solar e círculos concêntricos. Além do óbvio caráter marcial, o conjunto denota um sentido de virilidade e fertilidade aos elementos masculinos.⁸ Bohuslan, Suécia, Idade do Bronze. Fonte: <http://img1.photographersdirect.com/img/484/wm/pd130139.jpg>

1. Símbolos solares

Desde o Neolítico e a Idade do Bronze, os motivos solares são os símbolos religiosos mais comuns e diversificados no mundo germânico, ocupando uma grande quantidade de motivos e derivações imagéticas também na Escandinávia. Objetivamente estavam relacionados com o deus dos Céus, cujos mitos o associavam com carro de rodas ou carro do Sol que percorria o firmamento, e também com o barco que viajava pela Terra. O objeto religioso mais famoso deste culto é o carro puxado por um cavalo com disco de ouro, encontrado em Trundholm, Dinamarca⁹ (Davidson, 1987: 21). Os símbolos podem variar na forma de uma roda, cruz, círculo raiado, suástica, triskelion, flor, círculo concêntrico,

⁸ Para um panorama teórico dos simbolismos da arte pré-histórica escandinava, especialmente a do sul da Suécia e Noruega, ver Aldhouse-Green, 2005: 89-96; Sognes, 1998: 146-162. Para um excepcional catálogo virtual das manifestações visuais pré-históricas escandinavas, consultar: <http://www.arild-hauge.com/eindex.htm>

⁹ Para imagem, conferir: <http://image.absoluteastronomy.com/images/encyclopediainages/s/so/solvogn.jpg>

entre outras. Na Era Viking, os simbolismos solares foram transmutados nos cultos aos deuses Týr, Odin e Thor.

1.2 – Espiral

Em muitas culturas, a espiral esteve vinculada à viagem da alma, após a morte, pelos caminhos desconhecidos até chegar à morada dos deuses (Chevalier, 2002: 400). Para os irlandeses pré-celtas e celtas, a espiral representava a manifestação da energia divina - transfigurada na navegação noturna da divindade e foi comumente gravada em monumentos megalíticos funerários, como New Grange (Markale, 1999: 52) - ou ainda, seria o ponto de entrada para o mundo dos mortos (Aldhouse-Green, 2005: 53) ou até mesmo uma imagem do mundo para os antigos búlgaros (Rashev, 2006: 01). No caso escandinavo, isso é pertinente, pelo fato de encontrarmos muitos motivos espiralados em maravilhosas representações de estelas funerárias pré-vikings da ilha de Gotland: Bro I (figura 2), Martebo, Hangvar, Sanda, entre outras.¹⁰ Na estela de Sanda,¹¹ os braços laterais da espiral principal estão ladeados de triângulos, criando um efeito flamejante, típico das emanções solares. A conexão destas estelas com um culto guerreiro é perceptível pela presença de outros elementos figurativos, como cavaleiros portando lanças, serpentes e cavalos.

No período viking a espiral vincula-se aos rituais para o deus Odin, como podemos perceber na estela de Stenkyrka (figura 3),¹² onde um guerreiro porta um escudo com motivos espiralados, ao lado de uma valquíria, triskelion e valknut. Segundo Allan (2002: 102), a impressão de movimento das espirais de Gotland lembra rodas girando, enquanto Davidson (1987: 54) pensa que os temas envolvendo discos giratórios se adequaram à embriaguez e ao êxtase que eram essenciais ao culto odínico.

¹⁰ Para uma impressionante visita virtual ao *Museu de Gotland*, Báltico sueco, que possui algumas das mais importantes estelas pintadas do período Viking, ver: http://www.wec360.com/public_server/fornsalen/fornsalen_bildstenshallen/popup.html

¹¹ Para imagem: http://www.wec360.com/public_server/fornsalen/fornsalen_bildstenshallen/popup.html

¹² Para uma análise das estelas pintadas de Gotland, ver: Nylén & Lamm, 2007.



2



3

Fig. 2: Motivos em espiral, estela de *Bro I*, Gotland, Suécia, período pré-viking. Fonte: Allan, 2006: 103.

Fig. 3: Guerreiro portando escudo com espiral, ao lado valquíria, triskelion e valknut. Estela de *Stenkyrka Lillbjärs III*, Gotland, Suécia, séc. IX. Fonte: Allan, 2002: 65.

Deste modo, a espiral solar não era meramente um motivo estético, mas relacionava-se a um sistema de fé que manteve traços de antigas práticas de xamanismo e estados alterados de consciência, convergindo para percepções da cosmologia e sendo metáforas da transição entre o mundo dos vivos e dos mortos. Isso também pode ser percebido na Inglaterra anglo-saxônica, onde as diversas formas do simbolismo solar (espirais, discos, triquetras) foram gravadas em moedas, lembrando muito situações de êxtase religioso¹³ (Aldhouse-Green, 2005: 11; 127).

¹³ Para imagens, ver: http://www.coinlink.com/News/images/anglo_saxon_penny.jpg e <http://www.artfund.org/assets/image/artwork/enlarged/2007008.jpg>

1.3 – Fylfot¹⁴ (Suástica).

Um dos mais antigos e difundidos símbolos do mundo euro-asiático, existindo em culturas como as dos povos das estepes até as ilhas britânicas.

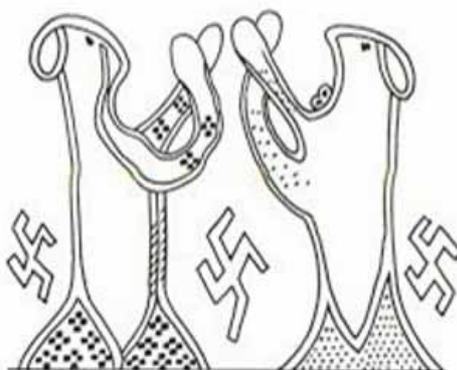


Fig. 4: Pingente em forma de machado com fylfot, Escandinávia, séc. VIII
Fonte:
<http://odinsvolk.ca/fylfot.htm>

Fig. 5: Mulheres e suásticas, detalhe do tapete de Oseberg, Noruega, séc. IX. Fonte:
<http://odinsvolk.ca/fylfot.htm>

Fig. 6: Suástica, trifot e roda/cruz solar. Estela rúnica de *Snoldelev* (DR 248), Dinamarca, séc. IX. Fonte:
<http://home.no.net/ahrunes>

Na região escandinava, percebe-se claramente a suástica como uma derivação da espiral – se antes o símbolo era representado com inúmeros braços, a partir do período de migração populariza-se a espiral com quatro braços recurvados, mas do mesmo modo sendo uma figuração do sol. No famoso bracteado (medalhão) de Gerete,¹⁵ a espiral surge ao lado direito de uma cabeça masculina, enquanto que do oposto, aparece o chifre de um cavalo.¹⁶ Os chifres simbolizam a lua, enquanto que neste caso, a suástica recorda o sol.

¹⁴ Denominação moderna, não há registro do termo original nas fontes literárias.

¹⁵ Para imagem, conferir: <http://freepages.history.rootsweb.ancestry.com/~catshaman/24erils4/0Gerete-filer/62a1Gerete-CGs.JPG>

¹⁶ Nos antigos cultos germânicos, alguns cavalos eram adornados com chifres falsos.

Imitando moedas romanas, os medalhões de ouro germânicos realçam o poder da realeza e aristocracia, aproximando a figura retratada aos grandes astros.

Em outros casos, como suásticas utilizadas em potes cerâmicos para uso funerário na área germânica setentrional e continental¹⁷ (Inglaterra anglo-saxônica e Alemanha, século IV e V), elas podem significar a passagem ou transitar das estações durante o ano – um símbolo de sazonalidade, da transição da própria vida humana. Nas insígnias reais de reis pagãos anglo-saxões, elas também surgem representadas em bainhas de espadas – ao mesmo tempo um símbolo de vitória e proteção marcial aos seus possuidores (como nas lanças de Kovel e Dahmsdorf, figura 9), como também um elemento pictórico identificando os reis ao deus Wodan (Davidson, 1987: 55-56).

Para a Era Viking, diversos pesquisadores opinam que a suástica acabou sendo vinculado ao martelo do deus Thor, lembrando este objeto sendo girado (Macculoch, 1930: plate XXXI; Bray, 2006; ou para representar o trovão e o fogo do céu, Davidson, 2004: 69), o que pode ser constatado em alguns objetos de uso pessoal, como pingentes em forma de machado com suástica – o machado antecede o martelo na Escandinávia. Outra evidência desta associação com este símbolo é sua incidência na área lapônica – no culto a Horagales, a versão finlandesa do deus do trovão - existiram tambores xamânicos pintados com suásticas.¹⁸



¹⁷ Para imagens: <http://pagesperso-orange.fr/archeometrie/swastika.htm>

¹⁸ Para imagem, conferir em: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Drum_described_by_K._Leems_Sami_Norway_lapper_Thor_or_Horagales_as_dobbel_hammer_blue.jpg

Fig. 7: A cruz de <i>Thorwald</i> , Andreas, Ilha de Man, com representação de Odin no Ragnarok e quatro suásticas, séc. X. Fonte: Grant, 2000: 70.	Fig. 8: Representação do deus Odin, dos corvos Hugin e Munin e de suásticas. Igreja de <i>Canfield</i> , Essex, Inglaterra, séc. XII. Fonte: Pennick, 1997: 161.	Fig. 9: Lança de <i>Dahmsdorf</i> , portando suásticas, Alemanha, séc. III. Fonte: http://www.hildolf.com/Swasart.html
--	---	---

Apesar de não descartamos o vínculo com Thor, existem representações de suásticas do período viking que nos remetem a uma continuidade de sua associação com Wodan/Odin em tempos mais antigos.¹⁹ Em primeiro lugar, espadas do séc. IX ornamentadas com o fylfot, seguindo uma tradição de representar armas protegidas pelo deus caolho (figura 40). No tapete de Oseberg existe uma explícita conotação odínica (um representação de funeral e de enforcados em uma árvore) e as várias suásticas representadas devem ter conotação mortuária e fúnebre (figura 5). Talvez uma das mais interessantes continuidades do simbolismo da suástica na área escandinava seja a estela de *Snoldelev* (DR 248) (figura 6), Dinamarca. Ao lado de um triskelion com cornos, uma suástica foi representada – mas um detalhe, ela foi esculpida acima de uma roda solar, que possivelmente foi entalhada em um período muito mais antigo e quase não se percebem mais os sulcos.

Mas sem dúvida, as maiores associações de Odin com o fylfot foram gravadas em monumentos cristãos que conservaram parte da simbologia ancestral. O primeiro é um friso existente em uma igreja de Essex, Inglaterra, séc XII (figura 8): ao lado de um rosto masculino barbado, foram esculpidos dois pássaros, e ao lado direito do conjunto, cinco suásticas. Outro são detalhes esculpidos na cruz de Thorvald, Ilha de Man, representando uma cena do Ragnarök escandinavo (figura 7): um ser masculino, ao lado de um pássaro, segura uma lança e sua perna é devorada por um lobo. Acima e ao lado desta representação, vemos belos desenhos de pelo menos quatro suásticas.²⁰ A questão da sobrevivência de elementos simbólicos e religiosos do paganismo em um contexto cristão é

¹⁹ No contexto do paganismo germânico, a suástica pode ter tido amplos significados em diferentes ocasiões (Richards, 2006: 134).

²⁰ O contexto geral do conjunto na cruz de Thorvald remete a uma idéia de decadência e fim do paganismo: a lança de Odin está apontada para baixo, um sinal de derrota (Davidson, 1987: 123). No lado oposto à imagem do deus, surge uma cruz cuja base se ramifica num entrelaçado – conectando a nova religiosidade à Yggdrasill. Mas sem dúvida, o mais importante é destacar que ao centro da cruz, foi representada uma suástica: o novo culto está conectado à velha tradição.

polêmica,²¹ mas sem sombra de dúvidas o culto ao deus Odin esteve relacionado diretamente com a representação do fylfot no mundo germano-escandinavo, motivo da sua sobrevida pelas comunidades cristianizadas.

1.4 – Trefot²² (triskelion).

Os símbolos associados ao número três são alguns dos mais comuns na área nórdica e incluem uma variedade de formas e derivações morfológicas.

Inicialmente, o trefot (também chamado de triskelion) é outra derivação direta da espiral, tendo um terminal a menos que a suástica. É uma figura que possui três pernas que partem de um centro em comum. Seu significado da Idade do Bronze até o início da Idade Média é muito semelhante aos outros símbolos solares: conectado à sazonalidade da vida e a divindades do céu. Devido a sua alta incidência no mundo antigo, existindo da Turquia até as ilhas britânicas, vários pesquisadores atentaram para uma origem celta do triskelion entre os indo-europeus, particularmente na Irlanda, onde ele incorporou as tradições míticas da tripartição (Markale, 1999: 225).



10



11

Fig. 10: Trefot de corvos, chaveiro, séc. VII, França Merovíngia. Fonte: Glot, 2004:

Fig. 11: Trefot com formas animais. Estela de *Stenkyrka Smiss I*, Gotland, Suécia, séc. VIII-IX. Fonte: http://www.gotmus.i.se/lengelska/bildstenar/bilder/bild_smiss_nar_al.jpg

²¹ Sobre este tema, e especialmente a análise iconográfica de monumentos cristãos portando símbolos do paganismo nórdico, verificar: Langer, 2007: 59-95. Na área sueca, existe um formidável testemunho da transição de simbolismos religiosos: no centro da runestone de *Ekillabro*, uma suástica transforma-se em uma cruz latina! (para imagem, conferir: <http://www.arild-hauge.com/arild-hauge/se-rune-ekillabro.jpg>). Também na área celta isso é constatado: na cruz de Argyll e Bute, séc. IX-X, o seu centro é ocupado por uma bela representação de suástica formada por quatro espirais. Para imagem, ver: Foster, 2004:113.

²² Denominação moderna, não há registro do termo original nas fontes literárias.

71.

Diversos acadêmicos denominam o trefot e a triqueta na área nórdica como sendo variações do valknut, mas acreditamos que sejam símbolos distintos. Obviamente entre todos existe uma conexão, pois são relacionados ao deus Odin e à sacralidade do número 3, como observado em uma fivela franca, onde os dois símbolos se conectam junto à figura de pássaros (figura 10). Na enigmática estela pré-viking de Smiss, ilha de Gotland (figura 11), o trefot surge relacionado com as cabeças de três animais diferentes, um lobo, uma águia e um javali,²³ logo acima da figura de uma mulher portando duas serpentes em cada mão. Nestas duas imagens ocorreu uma fusão das representações de dois animais, um pássaro e uma serpente. Esta última tanto pode significar o próprio Odin, que se transformou em serpente, como o Outro Mundo (representada pelo dragão Nidhogg). No contexto do folclore popular da Idade Média, a serpente relacionava-se com a proteção da fertilidade feminina, explicando porque muitas tumbas de mulheres da Era Viking possuíam amuletos de serpentes enroladas: eram símbolo de renascimento e de vida (Gräslund, 2006:126). Neste caso, a estela de Smiss (figura 11) pode ser interpretada como uma grande propiciadora mágica para alguma figura feminina ou para as mulheres de uma região.

Uma variação rara do trifot é a que utiliza três cornos de bebidas, observável na estela de *Stenkyrka Lillbjärs III* (figura 3) e na pedra rúnica de *Snoldelev* (figura 6). Seu significado parece estar ligado à recepção do guerreiro morto no Valhala, onde uma valquíria o espera com um corno de hidromel: na *Edda em Prosa (Skáldskaparmál 1)*, o sangue do sábio Kvásir, que foi morto pelos anões Fiálar e Gálar, foi recolhidos em três recipientes de nome Son, Bodn e Odrórir. Esse sangue foi misturado a mel, e formou o hidromel mágico que transforma qualquer pessoa em poeta e sábio. Assim, especialmente no contexto de *Stenkyrka III* (figura 3), este monumento provém para a família do morto e sua comunidade, uma lembrança de que este alcançou, além do vínculo odínico, um estado de sabedoria, festa e regozijo.

1.5 - Coração de Hrungnir (triquetra, valknut²⁴).

²³ De forma e estética muito semelhante às três cabeças de animais encontradas na sepultura de Vaslgarde 7 (para imagem, ver: Gräslund, 2006: 126).

²⁴ Denominação moderna.

De todos os símbolos solares, a triquetra (ou valknut) é o único que possui uma indicação nas fontes literárias. Segundo o *Skáldskaparmál* 7, após o deus Thor confrontar-se com o gigante Hrungrnir, é descrito que este último teria um coração de pedra dura com três pontas, igual as inscrições gravadas de nome *Hrungrnishjarta* (coração de Hrungrnir). Apesar de surgir nos mitos relacionados ao deus do trovão, a aparição deste símbolo nos monumentos pétreos, ao contrário, está totalmente subjugada aos domínios de Odin. Basicamente, é um sinal de poder e magia, que desempenha um papel importante no ritual da morte (Boyer, 1986: 114).

A primeira forma do coração de Hrungrnir no mundo escandinavo-germânico é a triquetra, de igual aspecto à correspondente céltica, que é mais antiga: uma figura formada por três terminais, que se entrelaçam em um centro não definido.



12



13



14



15

Fig. 12: Hogback com figuras de ursos e triângulos com triquetras, Brompton, Inglaterra, séc. X. Fonte: Hall, 2007: 106.

Fig. 13: Estela rúnica de Uppsala (U 937), Suécia, séc. IX, contendo a figura de uma triquetra. Fonte: Boyer, 1986: 114.

Fig. 14: Estela rúnica de Sanda 2, Gotland, Suécia, séc. IX, com representações de Odin e triquetra. Fonte: Allan, 2002: 33.

Fig. 15: Estela rúnica de Getinge, Suécia, contendo triquetra, roda solar e cruzes. Fonte: <http://www.arild-hauge.com/arild-hauge/harune-getinge.jpg>

Nos monumentos religiosos escandinavos na Inglaterra, como o hogback de Brompton (figura 12), a triquetra é inserida em um conjunto ladeado por triângulos (novamente, a idéia do número três), e rodeado pelas patas de ursos com as bocas amarradas, o que sugere um controle de um dos mais importantes animais relacionados ao rito odínico. O conjunto todo comemora e glorifica o culto guerreiro, marcado pela intervenção de Odin e possivelmente patrocinado por berserkir (Stone, 1999: 20). Na estela funerária de Sanda 2 (figura 14), a triquetra surge lateralmente ao trono do deus caolho, com sentido semelhante.



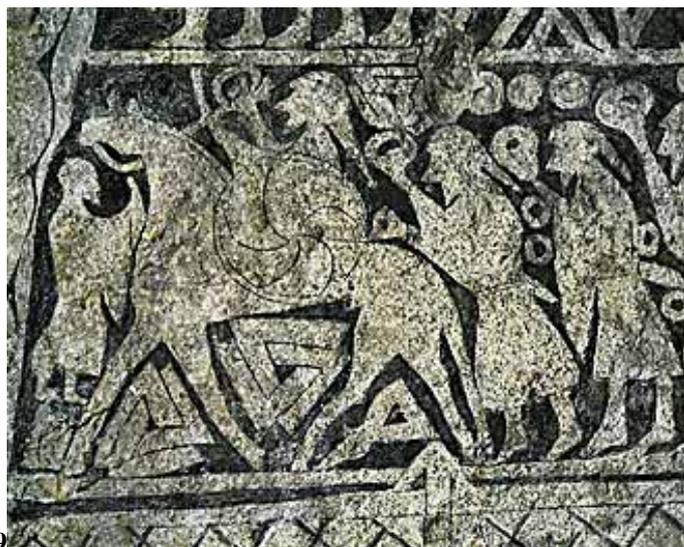
16



17



18



19

<p>Fig. 16: Valknut, máscara de Odin, serpente espiralada, cervo. Moeda de <i>Hedeby</i>, Dinamarca, c. 825. Fonte: Haywood, 2000: 48.</p>	<p>Fig. 17: Valknut, detalhe de objeto em madeira, Oseberg, Noruega, séc. IX. Fonte: http://www.nederlandsheidendom.nl</p>	<p>Fig. 18: Valknut, trefot, águia, corvos, sacrifício humano. Detalhe da estela de <i>Hammar I</i>,²⁵ Gotland, Suécia, séc. VIII-IX. Fonte: Langer, 2003.</p>	<p>Fig. 19: Valknut, escudo espiralado e anéis. Estela de <i>Larbrö Tangelgarda I</i>, Gotland, Suécia, séc. VIII. Fonte: Haywood, 2000: 146.</p>
---	---	--	--

Mas a forma mais importante do coração de Hrungrnir no mundo escandinavo é a de três triângulos unidos, uma exclusividade imagética da Era Viking, denominada nos tempos modernos de *valknut* (nó dos mortos). Segundo alguns pesquisadores, o significado desta imagem religiosa seria o de ligamento ou conexão entre as deidades, o cosmos e o destino humano, de modo semelhante ao *Herfjoturr*, a paralisia de guerra – um tipo de magia onde o guerreiro por influência de Odin, não poderia se mexer durante a batalha. Assim, o valknut simbolizaria o destino inevitável que existe entre o deus supremo e cada indivíduo: “um símbolo do poder que o deus tem de atar e desatar” (Davidson, 2004: 125). Mas não apenas o coração de Hrungrnir teria esse significado: mesmo na vida cotidiana, com o uso de nós em cabelos das mulheres e na arte, com ornamentos entrelaçando uma escultura em múltiplos adornos laterais, todos teriam o mesmo princípio: o örlog (destino), a morte e as nornas (Stone, 2002: 5).²⁶ Uma moeda de Hedeby concentra em um mesmo conjunto imagético, todos os simbolismos gráficos do deus Odin: valknut, serpente em espiral, cervo²⁷ com espiral e a máscara odínica (figura 16), demonstrando que o valknut também podia servir como amuleto de uso pessoal.

1.6 – Quadrefólio (shieldknot²⁸).

Um interessante símbolo dos tempos pagãos, utilizado recentemente pelas autoridades públicas da Escandinávia como representação em placas e sinalizações do patrimônio histórico dos antigos nórdicos. Para alguns estudiosos, seria uma representação mágica do infinito ou da eternidade – devido ao fato de ser um desenho que não tem começo nem fim, entrelaçando-se em si mesmo. Para outros, seria uma variação visual da serpente do mundo (*Jörmungandr*), Hupfauf, 2003: 229. Essa segunda concepção parece

²⁵ Para uma análise detalhada da estela de Hammar I, consultar: Langer, 2003.

²⁶ Aby Stone registra o fato de não existirem referências visuais do valknut antes do século VII e também que as nornas, apesar da sua importância na mitologia e religiosidade, nunca foram retratadas iconograficamente. Talvez o valknut seja um símbolo das nornas (Stone, 2002: 5).

²⁷ Segundo um especialista em xamanismo escandinavo, os três animais nórdicos que mais mantém relações com a tradição finlandesa são o alce, o cachorro e o urso (Tolley, 2007: 17).

²⁸ Denominação moderna, não há registro do termo original nas fontes literárias.

ser a mais correta, se verificarmos que na representação de Solberga²⁹, relativa à pesca deste monstro, o deus Thor e a serpente possuem ornamentos em seus centros que recordam os entrelaçados do quatrifólio. E se observarmos a estela de Hablingo (figura 20), perceberemos que as suas laterais e na base inferior são ocupadas por serpentes (cujas cabeças recordam pássaros). Neste caso, o simbolismo do quatrifólio poderia remeter a uma idéia de estabilidade e conservação da ordem natural do universo, do mesmo modo que a serpente do mundo (Langer, 2007: 59-95).



Fig. 20: Estela de *Hablingbo Havor II*, Gotland, Suécia, séc. VII. Fonte: <http://oldgoths.blogspot.com/2009/05/pictorial-connections-between-nordic.html>

Fig. 21: Medalhão de ouro de Lyngby, Dinamarca, séc. VII. Fonte: Hupfau, 2003: 229.

2. Mjölnir (martelo de Thor).

De todos os simbolismos religiosos da Escandinávia da Era Viking, certamente o martelo de Thor (*mjölnir*: triturador³⁰) é o que possui a maior quantidade de referências literárias, tanto nas *Eddas* quanto nas sagas islandesas. Nestas fontes, podemos caracterizar o martelo de Thor em três significados principais: *como instrumento ritual e mágico*: o martelo consagra nascimentos, casamentos, mortes, funerais, juramentos; assegura propriedades; consagra a terra e a propriedade; propicia a ressurreição e a fertilidade da vida; símbolo fálico; marca de fronteira; usado para localizar ladrões; *como arma*: ele defende o mundo, os deuses e os homens contra as forças do caos; *como instrumento*: o martelo protege contra os elementos naturais (Bray, 2006: 5; Lindow, 1994: 489).

O martelo deve ter sido uma variação do machado, símbolo do raio na Escandinávia. Várias representações rupestres do Neolítico e idade do Bronze mostram guerreiros

²⁹ Para imagem, verificar Langer, 2007: 75.

³⁰ Boyer, 1997: 102.

portando machados cerimoniais (Davidson, 1987: 68) (ver figura 1). Não há registros de martelos sendo utilizados em batalhas durante a Era Viking, o que nos leva a acreditar que as achas continuaram a ser conectadas ao culto de Thor – exemplo é a famosa Lâmina de Mamen,³¹ decorada com um rosto barbudo – e pingentes de machado ao lado de pequenos martelos (como no colar votivo de Birka, ver figura 25). Na estatueta islandesa de Akureyri,³² datada do ano mil, uma figura masculina segura um machado, cujo cabo se funde na sua barba, demonstrando não somente que a barba e o martelo eram símbolos fálicos, mas que o culto a Thor pode ter ligação com sacerdotes barbudos (Davidson, 1987: 68).

Outras conexões relacionam Thor com o xamanismo, os ferreiros e os cultos de guerreiros, como em Horagales, na área lapônica, cujos tambores mostravam uma figura masculina com um martelo ou suástica (Lindow, 1994: 500). Desta maneira, não há como desvincular mjöllnir de ser tanto um objeto heróico, como mágico e protetor.³³



Fig. 22: Pedra rúnica de *Stenkvista* (Sö 111), Suécia, séc. XI. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Stenkvista_runestone

Fig. 23: Pedra rúnica de *Åby* (Sö 86), Suécia, séc. XI. Fonte: <http://www.arild-hauge.com/arild-hauge/se-rune-aeby-vaestermo.jpg>

Fig. 24: Pedra rúnica de *Laberg*, Dinamarca, séc. X. Fonte: <http://www.arild-hauge.com/arild-hauge/de-rune-laberg.jpg>

Existem três tipos básicos de representação do martelo na Era Viking. A primeira são as imagens encontradas em esculturas, com cenas da pesca da serpente do mundo por Thor.³⁴ Em segundo, imagens do martelo em pedras rúnicas (ver figuras 22, 23 e 24). E em terceiro, representações do martelo em pingentes usados como adornos pessoais, geralmente encontrados em tumbas (figuras 25, 26 e 27). Os mais comuns e numerosos

³¹ Para imagem, ver: http://www.mnh.si.edu/vikings/voyage/subset/homelands/pop_archeo.jpg

³² Para imagem, ver: <http://www.oocities.com/iceland002001/icelandicreligion.html>

³³ Em um denso e documentado artigo, na prestigiada revista *Saga-Book*, Lotte Motz defende a idéia de que na realidade, os amuletos da Era Viking não representavam martelos e sim, machados ou pedras de raio, e também, que o termo hamarr não significava originalmente martelo, mas sim, pedra. Motz, 1997: 329-350.

³⁴ Especialmente Altuna (U 1161). Para imagem, ver: Langer, 2007: 74.

possuem uma forma simples, com o cabo pequeno e cabeça lembrando a forma de machados com lâminas largas. Os três com desenhos mais complexos fazem referência aos mitos literários: *Odeshog*, *Bredsättra* e *Skane* (figuras 29, 30 e 31) possuem na extremidade de seus cabos, uma figura formada por olhos fixos, lembrando o barbudo do machado de Mammen – e que deve ser uma representação de Thor no momento que se defronta com *Jörmungandr* (*Gylfagining* 47).



	Fig. 25: Colar votivo de Birka, túmulo 985, Suécia, séc. X, contendo um pingente de machado e outro do martelo de Thor. Fonte: Fuglesang, 1989: 17.	Fig. 26a: Pingentes com miniaturas de machado, Alemanha da Idade do Ferro. Fonte: Motz, 1997: 349.	Fig. 26b: Pingentes do martelo de Thor, Schonen e Halland, Suécia, séc. X. Fonte: Motz, 1997: 349.
Fig. 27: Pingente do martelo de Thor, Norfolk, Ingl., séc. X. Fonte: Hall, 2007: 107.	Fig. 28: Parte de uma moeda árabe com o símbolo do martelo de Thor inciso, Kaupang, Era Viking. Fonte: Hall, 2007:	Fig. 29: <i>Mjölnir</i> de <i>Odeshog</i> , Suécia, séc. X. Fonte: http://www.lokis-mythologie.de/Mjoellnir.html	Fig. 30: <i>Mjölnir</i> de <i>Bredsättra</i> , Suécia, séc. X. Fonte: Haywood, 2000: 131.
			Fig. 31: <i>Mjölnir</i> de <i>Skåne</i> , Suécia, séc. X. Fonte: Haywood, 2000: 131.

	60.			
--	-----	--	--	--

Ainda nestes três pingentes, o nariz abaixo dos olhos possui uma curvatura aquilina, que lembra muito a existente nos capacetes cerimoniais de Vikso (Dinamarca da Idade do Bronze),³⁵ representando o deus do céu com bicos de ave de rapina (Davidson, 1987: 26). Nestes três pingentes, a cabeça do martelo possui entrelaçados e espirais que podem ser representações metafóricas da serpente do mundo. No martelo de *Bredsättra*, (figura 30) em especial, a triquetra de terminais arredondados recorda muito a mesma figura gravada no deus Thor de Solberga, recordando que a serpente está relacionada à estabilidade do mundo, ao rodear o oceano de ponta a ponta.³⁶

3. Valquírias.

As valquírias formam um dos mais importantes mitos para o imaginário nórdico, tanto para os guerreiros quanto para as mulheres em geral. São diretamente relacionadas aos cultos da morte e do destino, além de terem função como espírito tutelares. De um lado, são associadas com os heróis e a escatologia odínica, e de outro, são mulheres sobrenaturais que atendem no outro mundo. Em ambos os casos, as valquírias encarnam a fylgja, hamingja, dís – os espíritos femininos que guiam, revelam e tutelam os indivíduos e a coletividade (Boyer, 1995: 108; Langer, 2004: 52-69). Nas estelas funerárias e em alguns pingentes, as valquírias são representadas de forma mais domesticada – em trajes femininos tradicionais e portando um corno de hidromel, além do penteado com três nós (figuras 3, 34 e 35).

³⁵ Para imagens, ver: <http://image.forumcommunity.it/3/1/8/6/0/7/0/1256057480.jpg>



³⁶ Não encontramos nenhuma referência histórica para esta imagem do martelo de Thor (portando uma triquetra tradicional), muito comum na internet, em réplicas de joalherias modernas e até em capas de discos de bandas de rock. Pode tratar-se de uma representação moderna. Também existem outras imagens e supostas réplicas de martelos de Thor pela internet, sem nenhuma consistência histórica, misturando reinterpretações do esoterismo, neo-paganismo e heavy metal a este objeto (por exemplo, acrescentando caveiras, runas, dragões e entrelaçados celtas).



<p>Fig. 32: Pingente com duas valquírias, Tissø, Dinamarca, séc. X. Fonte: Glot, 2004: 29.</p>	<p>Fig. 33: Pingente de valquíria, Cawthorne, Inglaterra, séc. X. Fonte: Hall, 2007: 107.</p>	<p>Fig. 34: Pingente de valquíria levando hidromel, Suécia, séc. X. Fonte: Graham-Campbell, 2001: 183.</p>	<p>Fig. 35: Pingente de valquíria, Suécia, séc. X. Fonte: Graham-Campbell, 2001: 114.</p>
---	--	---	--

Em alguns escassos pingentes, porém, as valquírias surgem como nas fontes literárias: armadas com cotas de malha, lanças, escudos e espadas (figuras 32 e 33). Muitas destas figuras foram encontradas em tumbas femininas, demonstrando que as mulheres também tinham fortes relações com os cultos odínicos e o seiðr (Price, 2004: 118).

4. Animais totêmicos (urso, corvo, lobo).

Praticamente todos os animais citados nas fontes literárias e que foram representados imageticamente na Era Viking, são diretamente associados ao deus Odin.

O lobo e o cão geralmente são companheiro das jornadas da alma para o outro mundo em rituais votivos (Gräslund, 2006: 124). Cachorros e lobos estão conectados com a ideologia guerreira, especialmente para o grupo dos berserkir, grupo de homens jovens e não casados, especializados na arte da guerra. Várias gerações de guerreiros combinavam o nome de termos de batalha com elementos relacionados ao lobo – também se referindo a iniciação de jovens para o mundo marcial. Diversas imagens confirmam esses cultos, como a figura 40.

Os pássaros – aves de rapina, como gaviões e falcões são tradicionalmente signos da aristocracia - enquanto a águia é emblema de poder (Gräslund, 2006: 127). Em alguns pingentes, dois corvo metamorfoseiam-se nas pontas dos chifres de uma figura barbada, demonstrando a continuidade de antigos cultos pré-vikings na área nórdica (figura 37).

Um tipo de amuleto muito difundido na Era Viking, tanto na área finlandesa quanto nas ilhas britânicas, era o uso de dentes de ursos – tanto imitações em bronze quanto peças

originais. Supunha-se que continham propriedades mágicas, relacionada à captura do espírito dos ursos (*karhunpeijaiset*) (Media Lab Helsinki, 2005). Na *Hrólfs saga kraka*, o personagem Bodvarr tem a sua alma transformada em urso, uma referência aos antigos rituais pré-cristãos ainda preservados na literatura centro-medieval (Tolley, 2007: 19).



36



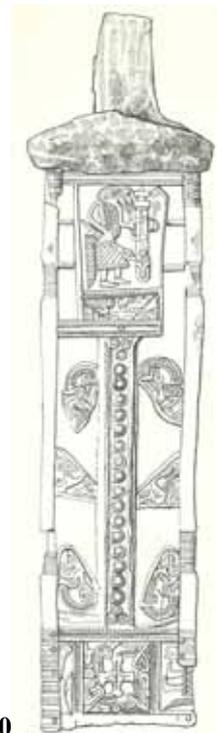
37



38



39



40

<p>Estatueta de Odin no trono (Hlidskjalf), junto aos seus dois corvos (Hugin e Munin), com lobos ao fundo (Geri e Freki). Lejre, Dinamarca, séc. IX. Fonte: http://www.roskildemuseum.dk/Default.aspx?ID=313</p>	<p>Pendente de bronze, Odin e seus corvos, Staraya Ladoga, Rússia, séc. X. Fonte: Graham-campbell, 1997: 190.</p>	<p>Dente de urso usado como pingente, Finlândia, Era Viking. Fonte: Glot, 2004: 136.</p>	<p>Pingentes de bronze, imitando dente de urso. Raisio, Finlândia, Era Viking. Fonte: Media Lab Helsinki, 2005.</p>	<p>Bainha de espada com imagem de guerreiro com máscara de lobo e lança, e na base, uma suástica, Gutenstein, Alemanha, séc. VII. Fonte: Ament, 1980: 67.</p>
--	---	--	---	---

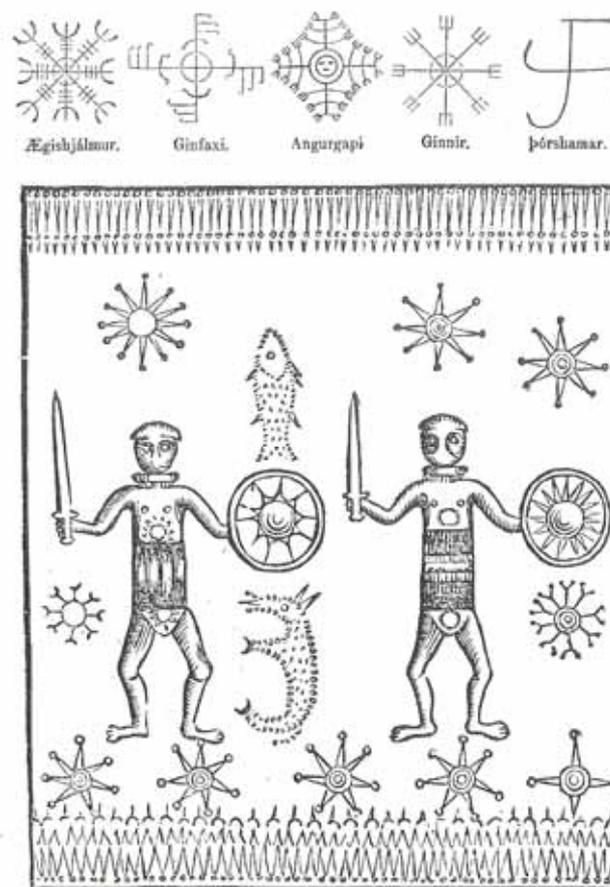
Conexões entre Odin e animais totêmicos (Gräslund, 2006: 128)

<p><i>Lobos</i></p>	<p>Lobos de Odin: Freki e Geri. Os berserkir saem em fúria como lobos. Um lobo enforcado na frente do palácio de Odin. Alguns berserkir se vestem com pele de lobo.</p>
<p><i>Serpentes</i></p>	<p>Odin metamorfoseou-se de serpente. Motivos de serpentes enfeitam elmos do período Vendel.</p>
<p><i>Pássaros</i></p>	<p>Odin metamorfoseou-se em águia. Este mesmo animal foi representado em elmos do período Vendel. Pingentes femininos deste animal ocorrem em diversas sepulturas.</p>

5. Símbolos rúnicos.

A partir do final da Idade Média, surgiram diversos símbolos adaptados ou relacionados com as runas e vinculados diretamente com processos mágicos. Apesar dos escandinavos durante a Era Viking utilizarem runas simples e combinadas para rituais religiosos e mágicos, não há evidências de que os símbolos islandeses mágicos já fossem conhecidos e utilizados antes do século XI. Aliás, não existem quaisquer vestígios de runas na Islândia em toda a Idade Média, somente em outras regiões da Escandinávia (e mesmo na Groelândia). O Renascimento popularizou o uso destes símbolos em livros mágicos

chamados de grimórios, que mesclavam conhecimentos advindos da astrologia, kabala, alquimia e rituais mágicos orientais e ocidentais. O mais famoso grimório nórdico é o *Galdrabók*, datado de 1600 e que contém 47 encantamentos mágicos, que fundem uma tradição advinda dos tempos vikings à magia europeia continental que se solidificou após o século XV. De todos os símbolos presentes nesta obra e em outros grimórios escandinavos, o único que pode ter uma origem viking é o denominado *Ægishjálmur* (figura 41), que é citado no *Fáfnismál* 16, 17 e 19. Neste poema éddico, o símbolo traria vitória a seu possuidor (segundo o dragão Fáfnir), e no mesmo poema, alude-se a pertencer ao tesouro de Sigurðr, de onde se deduz que estaria gravado em um elmo. Ao mesmo tempo, essa descrição de um objeto mágico na cabeça de Fáfnir tem relação com uma tradição europeia que remonta aos gregos e que sobreviveu até o fim da Idade Média: de uma pedra que os



41

Fig. 41a: Símbolos rúnicos da tradição islandesa tardia, séc. XVI e XVII. **Fig. 41b:** detalhe de dois guerreiros, chifre de Gallehus, Dinamarca, séc. V. Fonte: Macculloch, 1930: plate XLVI.

dragões possuíam em suas cabeças (snakestone ou dracontite), utilizada para fins curativos; e por outro lado, com o olhar mortífero que este tipo de monstro teria (o “olhar de fogo”)

(Langer, 2007: 113). Em algumas sagas islandesas, como *Sverris saga* 38, o símbolo também é citado como proteção nas batalhas. Alguns especialistas traduzem *Ægishjálmur* como leme do pavor ou de *Ægir*, devido ao seu formato nos grimórios, um círculo formado de oito braços em forma de tridentes, assemelhando-se ao leme de roda das embarcações. O problema é que esse tipo de instrumento náutico só foi conhecido na Escandinávia a partir do século XIII: os vikings utilizavam um remo transversal como leme (Atkinson, 1990: 11). Como *Ægir* era uma divindade relacionada ao mar, talvez os eruditos nórdicos tenham fundido a este folclore o tridente de Netuno, explicando a sua morfologia (ou mesmo o tridente do demônio, no imaginário cristão). De qualquer maneira, não há imagens deste símbolo anterior ao século XV, e não temos como saber sua forma entre os vikings, mesmo que este já fosse conhecido.³⁷ Alguns intentaram ver em objetos anteriores à Era Viking o uso do *Ægishjálmur*, como nos escudos de guerreiros do chifre de Gallehus (figura 41), com a finalidade de espantar seus inimigos (Macculloch, 1930: plate XLVI), mas as representações presentes nestas gravuras recordam espirais e estrelas, algo bem distante dos formatos presentes nos grimórios.

Bibliografia

Fontes primárias:

- ANÔNIMO. *Elder Edda*, séc. IX e X. Texto em nórdico antigo, edição de Guðni Jónsson: <http://www.heimskringla.no/wiki/Eddukvæði> Tradução ao inglês por Carolyne Larrington. *The Poetic Edda*. Oxford: Oxford University Press, 1999. Tradução ao espanhol por Luis Lerate. *Edda Mayor*. Madrid: Alianza Editorial, 2000.
- ANÔNIMO. *Galdrabók*, séc. XVI. Tradução por Stephen Flowers, *The Galdrabók: an Icelandic grimoire*. London: Red Wheel Weiser, 1989.
- STURLUSSON, Snorri. *Edda em Prosa*, 1220. Texto em nórdico antigo, edição de Guðni Jónsson: http://www.heimskringla.no/wiki/Edda_Snorra_Sturlusonar Tradução ao inglês por Jesse L. Byock. *The Prose Edda*. London: Penguin Books, 2005. Tradução ao espanhol por Luis Lerate. *Edda Menor*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

³⁷ A mais antiga representação semelhante ao *Ægishjálmur* que encontramos é na estela ogâmica de Ballintaggart, Kerry, Irlanda, onde ao lado de inscrições ogâmica céltica, existe um desenho de uma cruz com quatro braços terminando em tridentes (datada da Alta Idade Média), mas que é apontado pelos especialistas como um símbolo feito por cristãos.

Referências bibliográficas:

- ALDHOUSE-GREEN, Miranda & Stephen. *The quest for the shaman: shape-shifters, sorcerers and spirit-healers of ancient Europe*. London: Thames and Hudson, 2005.
- ALLAN, Tonny. *Vikings: la bataille de la fin des temps*. Paris: Grund, 2002.
- AMENT, H. The Germanic tribes in Europe. In: WILSON, David (ed.). *The Northern World: the history and heritage of Northern Europe: AD 400-110*. New York: Harry N. Abrams, 1980, pp. 49-70.
- ATKINSON, Ian. *Los barcos vikingos*. Barcelona: Akal, 1990.
- BALLARD, Chris et al. The ship as symbol in the prehistory of Scandinavia and Southern Asia. *World Archaeology* 35 (3), 2003, p. 385-403.
<http://asiapacificuniverse.com/pkm/shipprehistory.pdf>
- BASCHET, Jérôme. Fécondité et limits d'une approche systématique de l'iconographie medieval. *Annales ESC* mars-avril 1991, pp. 375-380.
- _____. A expansão ocidental das imagens. *A civilização feudal*. São Paulo: Globo, 2006, pp. 481-522.
- BONNE, Jean-Claude. À la recherche des images médiévales. *Annales ESC* mars-avril 1991, pp. 353-373.
- BOYER, Régis. *Yggdrasill: la religion des anciens scandinaves*. Paris: Payot, 1981.
- _____. *Le monde du double: la magie chez les anciens Scandinaves*. Paris: Berg International, 1986.
- _____. *Héros et dieux Du Nord*. Paris: Flammarion, 1997.
- BRANSTON, Brian. *Mitología germánica ilustrada*. Barcelona: Vergara, 1960.
- BRAY, Dan. *Hammer in the North: Mjollnir in Medieval Scandinavia*, 2006.
www.mackaos.com.au/Articles/Mjol.html

CHEVALIER, Jean. Introdução. In: CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain (org.). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, pp. XII-XLI.

DAVIDSON, Hilda. *Deuses e mitos do Norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004.

_____. *The lost beliefs of Northern Europe*. London: Routledge, 2001.

_____. *Myths and symbols in pagan Europe: early Scandinavian and celtic religion*. Syracuse: Syracuse University Press, 1988.

_____. *Escandinávia*. Lisboa: Editorial Verbo, 1987.

FOSTER, Sally M. *Picts, gaels and scots: early historical Scotland*. London: B.T. Bastfor, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu: reflexões sobre mentalidade e imaginário. *Signum* 5, 2003, pp. 73-116.

FUGLESANG, Signer Horn. Iconographic traditions and models in Scandinavia imagery. *The Thirteenth International Saga Conference*. Dhuram University, 2006. <http://www.dur.ac.uk/medieval.www/sagaconf/fuglesangekphrasis.pdf>

_____. Viking and medieval amulets in Scandinavia. *Fornvännen årgång* 84, 1989, pp. 15-27.

GARNIER, François. *Le langage de l'image au Moyen Âge: signification et symbolique*. Paris: Le Léopard D'Or, 1982.

GLOT, Claudine & LE BRIS, Michel (eds.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Hoebeke, 2004.

GRAHAM-CAMPBELL, James. *Os viquingues*, vol. II. Madrid: Del Prado, 1997.

GRANT, John. *Introdução à mitologia Viking*. Lisboa: Editorial Estampa, 2000.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. Wolves, serpents, and birds: their symbolic meaning in Old Norse belief. In: ANDRÉN, Anders, JENNBERT, Kristina & RAUDVERE, Catharina. (Eds.). *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 124-129.

HALL, Richard. *Exploring the world of the Vikings*. London: Thames and Hudson, 2007.

- HAYWOOD, John. *Encyclopaedia of the Viking Age*. London: Thames and Hudson, 2000.
- HUPFAUF, Peter R. *Signs and symbols represented in Germanic, particularly early Scandinavian, iconography between the migration Period and the end of the Viking Age*. Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy, University of Sydney, 2003. Disponível em: <http://ses.library.usyd.edu.au/handle/2123/662>
- LADNER, Gerhart B. Medieval and modern understanding of symbolism: a comparasion. *Speculum* 54 (2), 1979, pp. 223-256.
- LANGER, Johnni. Seiðr e magia na Escandinávia Medieval. *Signum* 11(1), 2010, pp. 177-202. www.revistasignum.com
- _____. *Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking*. Brasília: Editora da UNB, 2009a.
- _____. Vikings. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Editora Contexto, 2009b, pp. 131-144.
- _____. Runas e magia. *Brathair* 8 (1), 2008, pp. 106-110. www.brathair.com
- _____. O mito do dragão na Escandinávia (parte II: as Eddas e o sistema ragnarokiano). *Brathair* 7 (1), 2007, pp. 59-95. www.brathair.com
- _____. As estelas de Gotland e as fontes iconográficas da mitologia viking: os sistemas de reinterpretação oral-imagéticos. *Brathair* 6 (2), 2006, pp. 48-78. www.brathair.com
- _____. Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica. *Brathair* 5 (2), 2005, pp. 55-82. www.brathair.com
- _____. Guerreiras de Odin: as valkyrjor na mitologia viking. *Brathair* 4 (1), 2004, pp. 52-69. www.brathair.com
- _____. Morte, sacrifício e renascimento: uma interpretação iconográfica da runestone Viking de Hammar I. *Mirabilia* 3 (3), 2003. <http://www.revistamirabilia.com/>
- LINDOW, John. Thor's Hamarr. *Journal of English and Germanic Philology* 93 (4), 1994, pp. 485-503.

- _____. *Norse mythology: a guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- MACCULLOCH, John Arnott. *The mythology of all races*, vol. II. Boston: Archaeological institute of America, 1930.
- MACLEOD, Mindy & MEES, Bernard. *Runic amulets and magical objects*. London: Boydell Press, 2006.
- MAGUSANUS, Door Joris. De Valknut. *Nederlands Heidendom*, 2009. <http://www.nederlandsheidendom.nl/webstek/>
- MARKALE, Jean. *Nouveau dictionnaire de mythologie celtique*. Paris: Pygmalion, 1999.
- MEDIA LAB HELSINKI. *Bear-tooth pendants*, 2005. http://mlab.taik.fi/mulli/html/media/valokuva/e_tya283_16.html
- MOTZ, Lotte. The Germanic thunderweapon. *Saga-Book* 24 (5), 1997, pp. 329-350. <http://scholar.google.com.br/scholar?q=THE+GERMANIC+THUNDERWEAPON&hl=pt-BR&lr=>
- NORDEIDE, Sæbørg Walaker. *Christianization of Norway*, Conference paper: Paris 1 University, 2007. <https://bora.uib.no/dspace/handle/1956/3259>
- _____. Thor's hammer in Norway: a symbol of reaction against the Christian cross? In: ANDRÉN, Anders, JENNBERT, Kristina & RAUDVERE, Catharina. (Eds.). *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes and interactions*. Lund: Nordic Academic Press, 2006, p. 218-223.
- NYLÉN, Erik & LAMM, Jan Peder. *Les mystère des pierres de Gotland: aux sources de la sacralité Viking, les pierres graves de Gotland*. Paris: Michel de Maule, 2007.
- PENNICK, Nigel & JONES, Prudence. *A history of pagan Europe*. London: routledge, 1997.
- PRICE, Neil. The archaeology of seiðr: circumpolar traditions in Viking pre-Christian religion. *Brathair* 4 (2), 2004, pp. 109-126. www.brathair.com
- _____. L'sprit Viking: magie et mentalité dans la société scandinave ancienne. In: BOYER, Régis (ed.). *Les Vikings, premiers européens*. Paris: Éditions Autrement, 2005, pp. 196-216.

RASHEV, Rasho. The labyrinth as a symbol in the early medieval period in Bulgaria and the neighboring countries. *Arheologiâ* 47 (1), 2006, pp. 65-77.

RICHARDS, J. D. Anglo-saxon symbolism. In: CARVER, M. (org.). *The Age of Sutton Hoo: the seventh century in North-Western Europe*. London: Boydell Press, 2006, p. 31-147.

RYING, Bent. *Denmark: prehistory*. Copenhagen, The Royal Danish Ministry, 1981.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. São Paulo: Edusc, 2007.

_____. Imagens. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, pp. 591-605.

SOGNNES, Kalle. Symbols in a changing world: rock-art and the transition from hunting to farming in mid Norway. In: CHIPINDALLE, Christopher (ed.). *The archaeology of rock-art*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 146-162.

STONE, Alby. The knots of death. *Wyrd* 7, 2002.

_____. Hogbacks: christian and pagan imagery on viking age monuments. *3rd Stone* 33, 1999, pp. 16-20.

TOOLEY, Clive. Hrólfs saga kraka and sámi bear rites. *Saga-Book* 31, 2007, pp. 5-21.